

1º Congresso Iberoamericano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil – CILELIJ, em Santiago, Chile, foi interrompido pelo terremoto

O 1º Congresso Iberoamericano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil (CILELIJ), organizado pela Direção de Bibliotecas, Arquivos e Museus (DIBAM) e a Fundação SM, com o patrocínio da Academia Chilena de Língua, previsto para acontecer no período de 24 a 28 de fevereiro de 2010, em Santiago, no Chile, foi interrompido pelo terremoto que assolou o país.

José Luis Cortés, membro do Comitê Organizador do CILELIJ e diretor editorial corporativo de Edições SM, que conduziu todos os trabalhos nos dias em que ocorreu o evento, afirmou em seu pronunciamento na cerimônia de abertura que: “O Congresso busca refletir sobre as bases e as potencialidades da literatura infantil e juvenil nos países iberoamericanos” e serve “para realizar uma análise do momento atual da literatura para jovens e crianças e imaginar futuras linhas para seu desenvolvimento, assim como para proporcionar um importante espaço de intercâmbio de comunicações e experiências entre participantes e expositores”. Para debater essas questões, foram convidados mais de 70 renomados especialistas da área, vindos de 16 diferentes países. O Congresso contou com a

participação de mais de 400 pessoas.

A cerimônia foi presidida pela ministra de Educação do Governo do Chile, Mónica Jiménez de la Jara; o diretor da Academia Chilena de Língua, Alfredo Matus; e o presidente da Fundação SM, Juan de Isasa. A abertura contou ainda com a participação dos escritores Antonio Skármeta (Chile) e Juan Villoro (México), que discorreram sobre o tema *Somos o que lemos*, destacando lembranças de suas infâncias e dos livros.

Sentimos, porém, a falta de uma fala da presidente do *International Board on Books for Young People – IBBY*, Patricia Aldana na abertura do evento.

A escritora brasileira Ana Maria Machado, no dia 25 de fevereiro foi convidada a proferir a palestra *Independência, cidadania e literatura infantil*, em reconhecimento ao talento dessa autora, que além de escrever literatura, também tece reflexões fundamentais sobre a prática literária, contribuindo para apresentar enfoques históricos, econômicos e culturais.

O Congresso homenageou personalidades da Literatura Infantil e Juvenil: Alicia Morel (Chile); Lygia Bojunga (Brasil); María Elena Walsh (Argentina); Montserrat del Amo (Espanha) e Teresa Castelló

Yturbide, “Pascuala Corona” (México).

Lygia Bojunga, no segundo dia, preparou uma surpresa a todos os congressistas apresentando a mensagem que escreveu em 1984 para o IBBY, em comemoração ao Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil: “a todos os presentes neste Congresso e em particular ao Chile, ao povo chileno que nos recebe em sua casa, e em memória a um poeta muito amado por mim, Pablo Neruda, vim aqui trazer uma mensagem e ela se chama Livro.”

Também neste dia foi lançado o livro *História de la Literatura Infantil em América Latina*, de autoria de Manuel Peña Muñoz e ilustrações de Irina Elén González Valdés, e publicado pela Fundação SM. (veja resenha na página 3).

1 - Abertura do CILELIJ no Museu de Belas Artes

2 - Três das cinco homenageadas na abertura do Congresso: Lygia (Brasil), Montserrat del Amo (Espanha) e Alicia Morel (Chile)

3 - A escritora Ana Maria Machado proferindo a palestra *Independência, cidadania e literatura infantil*



1



2



3

Escritores, ilustradores, especialistas, representantes do governo federal, editores, promotores e críticos em LIJ do Brasil estiveram presentes no evento: Ana Maria Machado, Angela Lago, Claudia Mesquita, Dolores Prades, Elizabeth Serra, Jorge Luiz Teles, José Castilho Marques Neto, Julio Emilio Braz, Luiz Sposito, Lygia Bojunga, Maisa Kawata, Maria Zélia Versiani Machado, Marisa Lajolo, Nilma Lacerda, Peter O'Sagae, Rosângela Rondon Rossi, Sergio Ricardo Alves e Tânia Rösing.

Para saber mais sobre o *CILELIJ* e sua programação, acesse o site www.cilelij.cl.



José Luis Cortés, membro do Comitê Organizador do CILELIJ e diretor editorial corporativo de Edições SM (Espanha) na abertura do Congresso



(Da esquerda para a direita): Beatriz Helena Robledo (Colômbia); Marisa Lajolo (Brasil); Jaime Quezada (Chile) e Ana María Güiraldes (Chile) falando sobre autores importantes de seus países



(Da esquerda para a direita): Patricia Aldana (Guatemala), Tania Rösing (Brasil), Alma Carrasco (México) e Beatriz Helena Robledo (Colômbia) na mesa redonda *Experiências, resultados, autocrítica*.



(Da esquerda para a direita): Fabricio Vanden Broeck (México), Rosana Faria (Venezuela), Enrique Martínez (Cuba) e Angela Lago (Brasil), ilustradores Iberoamericanos sendo entrevistados por Fanuel Hanán Díaz (Venezuela)



(Da esquerda para a direita): Istvansch (Argentina), Maisa Kawata (Brasil) e Dolores Prades (Brasil) no debate sobre ilustração e edição de livros de LIJ



(Da esquerda para a direita): Carmen Barvo - Fundalectura - (Colômbia); Estela D'Angelo - IRA - (Espanha); Maria Graciela Bautista - Lectura Viva - (Colômbia) e José Castilho - PNLL - (Brasil) na mesa redonda *O que está sendo feito pela LIJ? Quais as motivações, as dificuldades e os resultados?*

História de la literatura infantil en América Latina. Manuel Peña Muñoz II. Irina Elén González Valdés. Madrid: Fundación SM, 2009.

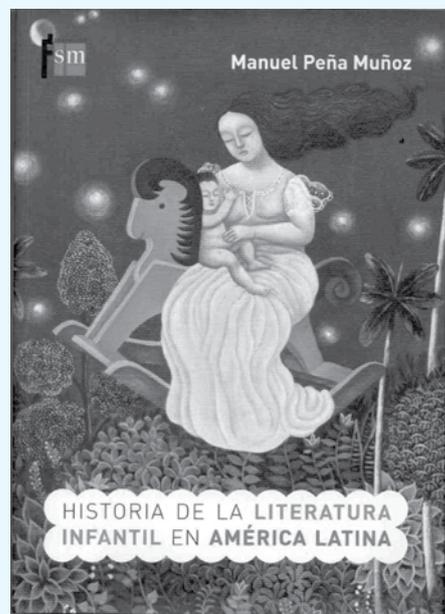
Manuel Peña Muñoz é chileno, professor de espanhol formado pela Universidade Católica de Valparaíso, onde nasceu, Doutor em Filologia Hispânica pela Universidade Complutense de Madri e Especialista em Literatura Infantil e Juvenil Iberoamericana e Estrangeira, pelo Instituto de Cultura Hispânica de Madri, discípulo de Carmen Bravo – Villasarte, por muitos anos dirigente da seção Espanhola do IBBY e que, por haver convidado o Brasil para o 9º Congresso do IBBY realizado em 1964 em Madri, estimulou a criação da FNLIJ em 1968. Com esse belo currículo, Manuel Peña Muñoz, que já havia publicado uma *História de la literatura chilena* (1982) e *Habia una vez... en América: Literatura Infantil na América Latina* (1997), decidiu dedicar-se a estudar o gênero nos demais países do continente e publicou esta *História de La literatura Infantil en América Latina*, com 820 páginas divididas em seis partes constituídas por diferentes capítulos, segundo as regiões abordadas.

Depois de uma apresentação geral da Literatura para crianças e jovens e de suas raízes europeias, que tanto nos influenciaram, cita alguns dos grandes nomes do continente, entre os quais está Monteiro Lobato, lembra o esforço para o conhecimento das narrativas de cada país através das coedições promovidas pelo CERLALC (Centro Regional para

o Fomento do Livro na América Latina e Caribe), órgão ligado à UNESCO. Esta série composta até agora por nove títulos, foi no Brasil publicada pela Ática em seus sete primeiros volumes e, em seguida, pela Melhoramentos. Termina por agradecer a todas as entidades que com ele colaboraram, enviando-lhe informações sobre seus principais autores.

O Brasil integra a quarta parte, que se intitula “A porta da América do Sul”, da qual fazem parte “Colômbia, território mágico”, “Venezuela, uma literatura com rosto próprio” e “Fabulação e mistério em língua portuguesa”. Aborda aí o desenvolvimento histórico da literatura infantil brasileira, detendo-se em Figueiredo Pimentel; fala do folclore de Pedro Malasartes, de *O tico-tico*, da obra de Monteiro Lobato, de Cazusa e Cecília Meireles, de Lucia Machado de Almeida e do teatro de Maria Clara Machado, de José Maria Vasconcelos e, em seguida, dos principais autores da década de 70, demonstrando conhecimento de suas obras. Os ilustradores não foram esquecidos, sendo alguns dos mais importantes da década de 70 até hoje mencionados. Numa nota chamada “Pesquisa e difusão da Literatura Infantil” cita a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e nomeia algumas estudiosas do tema.

Dá destaque aos titereiros do Rio, São Paulo e Curitiba e ao Mamulengo nordestino.



O grupo Giramundo de Minas Gerais é elogiado por seu trabalho.

Conclui falando do grande desenvolvimento da produção para crianças e jovens em nosso país, sobre a diversidade das tendências e temáticas de nossos melhores autores e destaca a década de 70 como o início desse crescimento, citando o número de títulos publicados (1.100 ao final dos anos 80) e a quantidade de exemplares (20 milhões) com 60% de autores nacionais. Termina por lamentar que muitos desses livros não sejam traduzidos e distribuídos nos demais países do continente, proporcionando maior intercâmbio literário.

É, portanto, obra da maior importância para o conhecimento da história e da produção de livros para crianças e jovens na América Latina e pode ser consultada na biblioteca da FNLIJ.

Uma extensa bibliografia de títulos aplicados em todos os países citados encerra o volume. (Laura Sandroni)

Comitê de Honra do CILELIJ 2010

O Comitê foi presidido por S.A.R., a Princesa da Astúrias, e contou com os seguintes integrantes: Ministro da Educação da Argentina, Alberto E. Sileoni; Ministra da Educação do Chile, Mónica Jiménez de la Jará; Presidente da Academia Chilena de Língua, Alfredo Matus; Ministra da Cultura da Colômbia, Paula Marcela Moreno Zapata; Ministra da Cultura da Espanha, Angeles González-Sinde; Ministro da Educação do Peru, José Antonio Chang Escobedo e o Presidente da Academia Peruana da Língua, Marco Martos Carrera.

Comitê Assessor: Beatriz H. Robledo (Colômbia); Carlos Silveyra (Argentina); Daniel Goldin (México); Elizabeth Serra (Brasil); Luis Cabrera (Cuba); Manuel Pena (Chile) e Pedro Cerrillo (Espanha).

Comitê Organizador: Nivia Palma, Diretora da DIBAM; Elisa Bonilla, Diretora da Fundação SM México; José Luis Cortés, Diretor Editorial das publicações infantis e juvenis do Grupo SM (Espanha); Francisco Tepper e Sergio Tanhnuz, Diretor Geral e Editor das publicações gerais da Editora SM Chile.

Chile, madrugada de 27 de fevereiro – nos textos dos escritores as marcas do terremoto

O 1º Congresso Iberoamericano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil (CILELIJ), iniciado no dia 25 de fevereiro, em Santiago, Chile com mais de 70 especialistas, oriundos de 16 diferentes países e previsto para encerrar no dia 28, foi interrompido como tantos outros eventos que ocorriam no país, em virtude da tragédia causada pelo terremoto às 3h36 da madrugada, do dia 27 de fevereiro, com magnitude de 8,8 graus e epicentro no mar, a 63 quilômetros ao sudoeste da cidade de Cauquenes, com 50 quilômetros de profundidade, considerado superficial e, por isso, de maior intensidade, deixando mais de 12 mil desabrigados, vários feridos e muitos mortos. Embora tenham vivido a experiência de presenciar um terremoto no meio da noite, nenhum especialista participante do Congresso ficou ferido. O que era reflexão e troca sobre Literatura Infantil e Juvenil passou a ser uma forte rede de solidariedade ao sofrimento dos afetados pelo terremoto.

Estar presente numa catástrofe como essa ocorrida no Chile mexe com qualquer ser humano e o que mexe com o ser humano sempre foi e será fonte para a literatura. Essas catástrofes encontram na literatura não só o registro, mas tam-

bém indagações, dúvidas e afirmações sobre a fragilidade da vida, afetando especialmente o artista, que com sua sensibilidade aguçada é capaz, por meio de sua arte, de traduzir o sentimento vivido por muitas pessoas nesses momentos.

O grupo de congressistas brasileiros que vivenciaram este terremoto e seus tremores subsequentes batizaram a data de 27 de fevereiro de 2010 como uma nova data de nascimento, passando, assim, a serem chamados por eles mesmos como a *Turma 27*.

Ao retornar para o Brasil, após três dias do terremoto, a *Turma 27* encontrou em solo pátrio não só o carinho dos familiares e amigos, mas também a necessidade de partilhar essa experiência. Foi assim que alguns escritores produziram textos de literatura que expressassem esse momento. Segundo confirmou Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ: “conforme fui lendo os textos de literatura que recebi por e-mail de escritores brasileiros e de outros países que estavam presentes comigo no Congresso, foi surgindo a necessidade de partilhar essas histórias para que mais pessoas pudessem ter acesso e sentissem um pouco do que foi vivenciado naqueles três dias”.

Ao serem convidados a publicar seus

textos, prontamente, todos os escritores e editoras autorizaram. Marisa Lajolo também partilhou informações importantes de que a temática sobre terremotos já foi assunto de escritores e pensadores como Voltaire, Kant e Oliveira Martins, que escreveram sobre o grande terremoto de Lisboa, em 1755, que deixou toda a Europa em estado de pânico.

O **Notícias**, sabendo dessa importância, publica alguns textos de escritores participantes do Congresso que viveram esses momentos de pânico, medo, alegria por estarem vivos, compaixão e muitos outros sentimentos que um terremoto desta magnitude é capaz de suscitar.

Agradecemos às revistas e aos jornais, nacionais e internacionais, que autorizaram a publicação destes textos, bem como a colaboração de Marisa Lajolo, que conseguiu junto à editora Companhia das Letras a autorização do texto *O terremoto no Chile*, do alemão Heinrich Von Kleist, tradução de Alberto Barros e retirado da obra *Contos de amor do século XIX*, organizada por Alberto Manguel, publicada em 2007 e que está disponível, em pdf, no site da FNLIJ: www.fnlij.org.br

As traduções dos textos, do espanhol para o português, foram feitas por Ricardo Silveira.



Fotos da fachada do Museu de Belas Artes, local do Congresso, após o terremoto.



Espanto e medo

Ana Maria Machado

Publicado no jornal Folha de São Paulo, Brasil, em 1 de março de 2010

Espanto e medo, as duas primeiras sensações. Ainda dormindo, sinto a cama balançar, deslizar e trepidar enquanto algo me sacudia como num pesadelo. Ao abrir os olhos, no escuro, sem entender o que estava acontecendo, de repente me ocorre que, se tudo esta tremendo assim, deve ser um terremoto.

Entrava uma fresta de luz por baixo da porta, fui até lá e abri. A essa altura, tudo já sacudia muito forte. Barulho de vidros quebrados e coisas caindo, estalos dentro das paredes. Do outro lado do corredor, Jorge Eslava, escritor peruano e companheiro do mesmo congresso, segura-se no umbral de sua porta, me chama pelo nome e me diz:

– Este é dos fortes...

Pergunto-lhe:

– Que faço?

– Isso mesmo que estas fazendo. Fica aí. Assim que parar, descemos. Teu sapato está por perto? Se estiver, pega antes de descer para não se cortar se tiver vidro quebrado no chão.

Quando o tremor diminui, sigo as instruções e ainda peço um casquinho que estava à mão. Pelas escadas vamos encontrando outros hóspedes descendo. Reboco caído pelo chão, teto de gesso despencado, papel de parede solto, quadros e abajures derrubados. No saguão do hotel, funcionários nos instruem a sair e esperar lá fora. Longe do prédio para não sermos atingidos por algo que despenque. Procuo os amigos no meio da pequena multidão. Vejo Marisa enrolada no lençol. Ambas assustadas, nos abraçamos. Os outros vão chegando, igualmente com medo e querendo abraços. Beth, Lygia, Dolores, Yolanda, Sylvia, Daniel, Antonio, Sergio, Tania, Susana, Angela. Conferimo-nos mutuamente. Muita confusão. A rua toda escura, só o gerador do hotel com suas luzes de emergência. Carros saem com faróis acesos dos estacionamentos subterrâneos, todos se afastam para deixar que escapem para longe. Pelo asfalto, veículos passam muito rápido. Parece que todos os cachorros do mundo latem ao mesmo tempo. Sirenes de bombeiros, ambulâncias. Barulho de batidas de automóveis. Mais outra em seguida. E mais outra. Claro: todos fogem e os sinais não funcionam.

Ficamos ali em pé, em roupa de dormir. Um ou outro chegou a se vestir completamente antes de descer. Os funcionários do hotel servem água. A equipe de acolhimento do congresso nos acalma, conversa, dá instruções. Entre elas, daí a umas duas horas, nos dizem para entrar. Insistem. Aos que estão com medo, explicam: estão começando os assaltos. Vemos os bandos rondando. Entramos no saguão onde vamos ficar o dia inteiro, prontos para sair cada vez que começar novo tremor. São muitos, mas felizmente todos mais fracos.

Aos poucos, cada um enfrenta o medo, volta ao quarto, pega algumas coisas, muda a roupa, faz seu kit de sobrevivência que passa a carregar pra todo lado desde então: documentos, carteira, uma muda de roupa básica, telefones celulares, óculos.

Só o que se quer então é falar com a família, dar notícias. A comunicação é muito precária. Acesso intermitente à televisão. Telefones, internet e celulares não funcionam. Quem tem blackberry compartilha com todos, quem consegue falar com o Brasil pede para dar recado aos parentes dos outros. Durante todo esse primeiro dia é assim. Estreita-se uma rede de solidariedade e sentido de equipe.

Eu deveria ir para o aeroporto duas horas depois, voltando para casa. Mas logo se constata que vai ser impossível que esteja aberto. Até agora não se sabe ao certo quando abrirá. Tudo é incerto e precário. Mas lembro de meu pai, quando eu era criança: eu devia rezar para o meu anjo da guarda e agradecer. Estou bem, entre amigos, não aconteceu nada a nenhum de nós. Triste consolo, em meio a um país desolado, atingido pela dor.

.....

Quando a terra tremeu

Ana Maria Machado

Publicado na revista Carta Fundamental, Brasil, em abril de 2010

Caro professor,

Quando você abre a revista e a lê, com certeza imagina o quanto de trabalho prévio esse exemplar representa, de uma equipe de diversos profissionais. Afinal de

contas, o mesmo acontece com suas aulas. Elas são apenas a pontinha visível de um trabalho anterior lentamente construído. Ele é que lhes dá uma base sólida para existir com qualidade durante aquele tempo cronometrado, em sala de aula, diante de dezenas de carinhas atentas ou distraídas.

Menos evidente é o fato de que, no caso de uma revista mensal preparada com antecedência, há uma defasagem entre o momento em que ela se faz e o instante em que chega às mãos do leitor. Esta carta que você está lendo agora, por exemplo, só irá lhe chegar mais tarde. Mas está sendo escrita numa hora dramática para mim, em que vivo aquilo que os especialistas chamam de efeito de choque ou experiência pós-traumática.

Acabo de chegar do Chile. Estava lá às 3h34 da madrugada de sexta 26 para sábado 27 de fevereiro, quando ocorreu um dos maiores terremotos registrados na história. Ao ser acordada pela terra que tremia, no que parecia ser o fim do mundo, tinha o despertador preparado para daí a duas horas. Já tinha também o cartão de embarque emitido na véspera pela internet, pois devia voltar de manhã cedo, ao final de um congresso internacional de literatura infantil. Uma reunião de gente que acredita na educação e no poder da palavra escrita, para que o mundo seja melhor e as pessoas possam ser mais felizes. Uma atividade cultural apanhada pela fúria natural.

Agora, de volta depois de alguns dias, à espera de conseguir sair quando fosse possível, eu preciso escrever uma carta a vocês. Tenho um prazo a cumprir. Mas minha mente ainda está em meio ao terremoto. E a Lívia, responsável por minha relação com a revista, sugere que eu compartilhe algo dessa experiência com os leitores. É uma boa ideia, concordo. Mas nem sei o que dizer. Não por falta de assunto. Mas por excesso.

Ainda não consigo ordenar as “vastas emoções e pensamentos imperfeitos” que me ocupam por inteiro – tanto do pavor do terremoto em si, quanto da dor solidária com os outros que sofriam à nossa volta. Além disso, a aflição e a ansiedade de estar ilhada longe de casa, com aeroportos fechados indefinidamente, sem possibilidade imediata de voltar, sem saber quando ou de que intensidade seria o tremor se-

guinte (só nas primeiras horas foram 147!). E no meio disso, uma montanha-russa de experiências emocionais com a variedade e riqueza da espécie humana. Do altruísmo ao egoísmo. Da capacidade de ceder a vez espontaneamente ao impulso irrefreável de se salvar sozinho, em pânico, mesmo se isso significasse empurrar para trás alguém com quem segundos antes se dividia a mesma mesa. E isso não é metáfora: fizeram comigo, literalmente, no primeiro café da manhã, na primeira réplica do tremor.

A mídia já informou sobre a devastação que o terremoto do Chile causou, ainda mais quando seguido pelas gigantescas ondas que arrasaram o litoral. Todos acompanhamos o sofrimento dos que perderam pessoas queridas e o desprendimento de quem cavava com as próprias mãos para ajudar um desconhecido. Ficamos sabendo dos prejuízos incalculáveis de um país que escolhera a racionalidade, fizera o dever de casa e vinha caminhando tão bem economicamente. Não são esses fatos que lhes trago. Quanto às impressões diretas e quentes do momento em si, já as narrei nas primeiras entrevistas.

Quero falar de outra coisa. Os que participamos dessa experiência pavorosa sabemos que nossa vida mudou para sempre. Fico repetindo, como um mantra, o verso do poeta chileno Pablo Neruda. O contexto era outro, mas a ideia ganha novo sentido: *Nosotros, los de entonces, ya no somos los mismos.*

É isso, simplesmente. Nós, os de então, já não somos os mesmos. Mudamos.

Vínhamos de vários países. Depois de dias isolados, dormindo no saguão do hotel, correndo para a rua quando o chão tremia, é como se tivéssemos adquirido uma mesma cidadania, a de um novo país que passa a nos unir. Sem um território físico comum, mas com a consciência compartilhada de nossa mais total vulnerabilidade. Hoje sabemos que somos nada. Que a vida é o lampejo de um cisco. Que o que amamos é infinitamente precioso. Que o que nos irrita é ridiculamente sem importância. Que na hora do aperto, só o que queremos é terra firme sob os pés e nenhum escombros sobre nós. E o abraço dos amigos.

Em seguida, queremos a palavra. Ela é que nos une aos outros. Não nos garante nada. Mas lembra que esta tribo humana, tão frágil, guarda memórias, analisa fatos e

acalenta sonhos de futuro. Nas primeiras horas, sem telefone, internet ou televisão, estávamos muito mais aflitos. Só melhoramos depois que fomos capazes de dizer: “Estou bem, apesar de tudo.” E de ouvir de alguém distante: “Estamos rezando por vocês.” Ou o “Ufa!” que meu neto mandou à sua lista de endereços no computador. Tudo tênue, impalpável, precário. Por isso mesmo, humano.

Um abraço,

Ana Maria

••••• No terremoto, e fora de casa

Roberto Pompeu de Toledo

Publicado na revista Veja, Brasil, edição 2155, de março de 2010

“Funcionários do hotel aconselham a entrar. Há rumores de arrastões na rua. Tensão no grupo. Que é pior, numa hora dessas: assalto ou um teto sobre a cabeça?”

O terremoto começa dentro da gente. Sensação de tremor, náusea. “Que estará ocorrendo comigo?”, perguntava-se a professora e crítica literária Marisa Lajolo, uma das integrantes da delegação brasileira no congresso de literatura infantil que ocorria em Santiago do Chile. Era a noite de sexta para sábado. Da cama Marisa via o campanário da Igreja de Santo Antonio, enquadrada na janela do hotel em que se hospedava. De repente, as luzes do campanário se apagaram. Foi um dos primeiros sinais de que... Não, não é comigo. Alguma coisa está acontecendo no mundo exterior.

O relato de Marisa Lajolo ao colunista mostra como vão se sucedendo os dados até construir na mente sonolenta a consciência do terremoto. Barulhos estranhos no teto. Na parede. Como pode um barulho na parede? Barulho de vidro se quebrando, será um copo? Um barulhão enorme no banheiro. Marisa abre a porta e vê os hóspedes descendo pelas escadas. O hotel possui sistema próprio de geração de energia e as luzes estão acesas. Isso contribui para que a retirada se dê sem pânico. Ela veste uma roupa e enrola um lençol por cima. O barulhão no banheiro, saberá depois, era dos azulejos descolando-se das paredes e despencando no chão.

Os neófitos em terremotos pagam pela inexperiência. Marisa aprenderá que demorou a sair da cama. Enquanto ainda não é possível abandonar o prédio, deve-se procurar abrigo sob o batente de uma porta. No próximo terremoto, ela será mais expedita. Enfim na rua, abraços emocionados. Ao se reverem, o grupo brasileiro e os demais conhecidos do congresso sentem o alívio de se saberem vivos e bem. A terra ainda treme, são os repiques secundários do terremoto. Mas o que agora chama mais atenção são as contínuas trombadas de automóveis. Os semáforos não funcionam, e os motoristas estão nervosos e apressados. Os barulhos das trombadas, somados aos outros barulhos ouvidos durante a noite, consolidarão em Marisa a impressão de que, da experiência de ter vivido um terremoto, lhe ficará sobretudo a memória auditiva.

Na rua, e, pelo sim, pelo não, a boa distância do prédio, muitas pessoas ainda vestem pijama. Marisa não, mas guarda como resquício da cama o lençol enrolado no corpo. Transcorre um tempo e os funcionários do hotel, sempre gentis, sempre prestativos, aconselham a passar para dentro. Há rumores de arrastões ocorrendo nas ruas. Tensão no grupo. Que é pior, numa hora dessas: assalto ou um teto sobre a cabeça? Acaba-se acatando o conselho dos funcionários. Eles devem saber o que fazem. No saguão do hotel aglomera-se uma pequena multidão, grande parte de pijama. Aos poucos as pessoas vão criando coragem para subir, rápido, e pegar suas coisas. O prédio parece firme e a terra, mais calma. O hotel vai mais tarde acomodar os hóspedes nos andares mais baixos. Não é a normalidade ainda, longe disso, mas é um começo de.

No Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, os chilenos espalham-se pelas poltronas, pelo chão, sobre as esteiras ociosas dos guichês de check-in. Eles esperam a reabertura do aeroporto de Santiago. A foto publicada na *Folha de S. Paulo* mostra os bilhetes que colaram na parede: “Tenemos hambre y frío”, “Help”, “Lula, ayúdanos”, “Piñera, llévanos a Chile”. Eles se constituem num paradoxal tipo de vítima do terremoto: o dos apanhados fora dele. Nenhum teto lhes caiu em cima, mas encontram-se sob o peso de ter sido surpreendidos em lugar distinto do exigido

pela hora. A preocupação central são os parentes, os amigos, mas não é só. A pátria como um todo, nessa circunstância, dói e faz falta.

Os brasileiros no Chile, igualmente impedidos de fazer a viagem de volta, viviam a situação inversa de ser apanhados em apuros longe de casa. Os professores do congresso de literatura são pessoas acostumadas às viagens, vários já viveram no exterior, mas essa não é situação para padecer em plaga estrangeira. A terra já não treme, estão bem tratados no hotel, não falta comida, até banho não falta, mas as horas passam devagar e vazias. Enfim, na noite de segunda para terça-feira, um avião da FAB os resgata, a eles e outros brasileiros. A alegria da repatriação domina o grupo. Marisa, cujos ouvidos ainda ecoavam os sons da noite do terremoto, é recompensada pela “voz brasileira e tranquila” do comandante que os recebeu a bordo. Mais um pouco, e a alegria vira euforia. Até a Embraer é aplaudida, pela fabricação da aeronave que os transporta. Belos aviões tem fabricado essa tal de Embraer.

.....

E Sherazade continuou

Crônica pessoal do terremoto

Yolanda Reyes

Este texto e o *Notícias de nós mesmos - inúteis palavras* foram publicados no jornal El Tiempo, Bogotá, Colômbia, em março de 2010

O que vou lhes contar não é exatamente um conto para crianças. Meu plano era escrever sobre o Congresso Ibero-americano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil, organizado pela Fundación SM em Santiago do Chile, como atividade prévia do V Congresso Internacional da Língua Espanhola, que teria se realizado em Valparaíso durante essa semana, mas às vezes acontece de um gênio sair da garrafa e destruir tudo. O primeiro dia começou com o passado da literatura infantil, o segundo estava dedicado ao presente e, no terceiro, 27 de fevereiro, seria a vez do futuro. Ainda que a caprichosa Terra não tenha nos deixado saber como será, estou aqui, contando o conto, depois de um terremoto que obteve o nada desprezível décimo

lugar na cotação dos mais fortes. Hoje, quando quase todos os participantes do congresso conseguimos voltar a nossos países sem deixar de pensar no horror que continua para aqueles que ficaram, posso dizer que nos salvamos.

Peço desculpas por passar à primeira pessoa do singular, mas não disponho de uma perspectiva mais abrangente. Seguramente vocês, que viram o terremoto pela televisão, conhecem os “fatos objetivos”. Eu fui surpreendida de madrugada, dormindo, num quarto do Hotel Plaza San Francisco, no centro de Santiago, e não tenho noção da duração exata. Só para lhes dar uma idéia desses mais de dois minutos contados pelos relógios, despertei com um movimento fortíssimo que sacudia a cama e demorei um tempo até entender que se tratava de um terremoto e não de um tremor. Como se mede essa distância entre um e outro, sem “ter nas mãos” uma escala Richter? Poderia dizer que pelo movimento e pelo barulho, mas também por algo que se chama pânico e que, ainda que pertença à família do medo, é seu parente primitivo. Explico: no começo, me assustei muito, mas tinha esperança de que passaria. Minha “noção de tempo interno”, aprendida em tantos tremores, passou da pergunta “O que é isso?” para a resposta “Está tremendo” e prosseguiu com certos argumentos, digamos, racionais: “Decerto começou antes de eu acordar e não deve demorar muito mais”... Mas continuou durando, e coisas caíam fazendo barulho (no quarto, no edifício, na cidade?)... E, quando o tempo superou o previsível, sobreveio em mim um pânico que deve estar situado no cérebro de serpente e que talvez só seja sentido quando a sobrevivência está ameaçada. A sensação de viver o fim do mundo, só, nesse quarto, se converteu noutro pânico, como direi: resignado?... Como se me entregasse e aceitasse que não havia mais o que fazer.

Então, milagrosamente, acabou. Depois eu soube que teriam bastado alguns segundos mais ou uma fração minúscula na escala para que tivesse sido irremediável – isso que Santiago está longe do epicentro, que foi em Concepción! Fico aterrorizada só de pensar como foi por lá, mas a duração, sim, foi a mesma eternidade, e nisso concordam meus colegas mexicanos e chilenos, com anos de experiência sísmi-

ca. Passei vários minutos petrificada nessa cama até que me atrevi a acender a luz, o que foi uma surpresa, pois tinha avistado um resplendor durante o terremoto, que bem poderia ter sido um sinal do fim do mundo mas foi apenas um corte de energia. (Felizmente, o edifício tinha gerador elétrico.) Ainda na cama, rodeada de lâmpadas caídas e vasos quebrados, chamei a recepção – agora sinto vergonha do gesto *room service* – e o recepcionista me disse que o edifício não tinha danos graves. Embora tenha pensado que era inoportuno ligar para alguém em tal hora, liguei para três quartos de amigos e ninguém atendeu. Então entendi que não estavam atendendo pela simples razão que todos tinham ido para um terremoto. Esquivando-me dos destroços de alvenaria, desci a escada e cheguei ao saguão, onde me levaram pela mão até a rua para me juntar aos meus companheiros, que estavam me procurando, e aos convidados de um casamento no hotel, o que dava ao grupo um toque heterogêneo: uma toalha minúscula, qual folha de parreira, pijamas, lantejoulas: valia tudo.

Nessa ampla faixa do espectro, situavam-se também as reações. Desde minha inepta lentidão até a audácia dos que conseguiram descer dez andares e voltar para resgatar amigos enquanto o terremoto continuava! Inclusive alguém que se enfiou na banheira do quarto pois confundiu o manual de terremoto com o de furacão! Talvez a instrução de “acima de tudo, mantenha a calma”, escrita nos folhetos para casos de abalos sísmicos, seja impraticável quando se superam os 8 graus e mais nada depende de nós. Nesse sentido, a confissão de Juan Villoro é eloquente: desde o terremoto do DF, ele decidiu que iria estudar muito bem o que fazer para o caso de enfrentar outro terremoto. Mas a preparação de tantos anos não lhe serviu para ESTE terremoto. De novo, enfrentou-o sem saber nada.

Do tempo que passamos na rua, quase até o amanhecer, recordo das sirenes de ambulância, dos latidos de cachorro, da escuridão dessa cidade incerta, que ninguém sabia se estava de pé, e da insistência do pessoal do hotel para que voltássemos, por causa do perigo dos roubos. Fiquei surpresa ao ver garçons com bandejas cheias de copos de água, ao estilo Titanic... como se

não tivessem passado pelo mesmo terremoto! E me ficaram para sempre os abraços dos amigos, como se todos fizessemos parte de uma mesma família numerosa. Mas o que me ficou gravado como uma premonição foi a frase de Daniel Goldin, um sábio editor mexicano, quando lhe disse que felizmente tinha passagem de volta para o dia seguinte, 28 de fevereiro: “Bem se nota que você não tem experiência com terremotos. Pode esquecer o aeroporto.”

Foi aí que comecei a entender, com meu habitual efeito retardado, que um terremoto não é apenas o tremor que divide nossa vida em antes e depois, mas justamente o que começa logo após o fato físico. E não me refiro apenas às réplicas telúricas com que reage a terra para se reacomodar, mas às réplicas com as quais tentamos nos reacomodar nós, os humanos, e que são muito menos previsíveis. É não querer mais dormir para não ter que despertar nunca mais no meio desse pânico; é estar preso num hotel, como numa ilha, sem possibilidade de tomar um avião de volta, que não existe; e é não saber se é mesquinharica ficar contente com um dado básico: estou vivo, enquanto tantos outros estão mortos. E a eterna pergunta sem resposta: por que com você, por que não comigo? A eterna tensão entre egoísmo e altruísmo, entre salvar o couro da fera e ser membro desse grupo chamado de “humanos”, oscila como um pêndulo em situações limite para mostrarmos o que há de melhor e o que há de pior em nossa condição. Esse pêndulo pode mudar de um lado para outro num instante, como se troca o medo pelo pânico, como muda A Sorte: num instante.

Olho para nossa foto, que tiraram na escadaria do Museu de Arte Contemporânea de Santiago, com mais de 400 sorrisos congelados. Será a última imagem do edifício, antes de desmoronar essa escada por onde subimos e descemos nos dois dias que durou o congresso, planejado minuciosamente há mais de um ano. Uma coisa que atormenta bastante talvez seja o fato de que poderia ter ocorrido sete horas antes, ou sete horas depois. Que poderia ter durado alguns segundos mais. Que as pessoas de quem nos despedimos e que nos dão as boas-vindas, e tudo o que foi planejado, pendem desse

fio tênue que não vemos e que desta vez não se partiu.

Talvez porque desta vez não se partiu, na barraca do hotel que abrigou nossas histórias na manhã depois do terremoto alguém leu: “E se fez o silêncio. E Sherazade continuou.”

.....

Notícias de nós mesmos – Inúteis palavras

Yolanda Reyes

“Não é necessário que mandem nada. Basta que sejam caridosos e digam que nos amam. Isso sim faz falta”, escreveu Pepe Pelayo, humorista e autor chileno-cubano, depois do terremoto. Como tantos que estávamos em Santiago e tivemos melhor sorte que os que moram – ou moravam – em Concepción, Pepe não sofreu nada de grave. Melhor dizendo, nada físico. Seu apartamento sofreu danos menores, como a maioria das edificações da capital. De fato, era assombroso caminhar algumas horas depois por Santiago e constatar que, salvo alguns destroços, vidros quebrados e uns poucos prédios com danos mais severos, a cidade tinha resistido ao que parecia o fim do mundo. E continuava funcionando!

Muitos de nós, latino-americanos, nos perguntamos durante esses dias se nossas cidades agüentariam mais de 8 graus. Entre Haiti e Chile, para que lado, na escala de destroços, se inclinariam Bogotá, Caracas ou o DF? No dia 2 de março, ainda com a memória corporal do terremoto, a “terra firme” que nos recebia em Bogotá parecia mais caótica que Santiago na madrugada de 27 de fevereiro. “Como circulariam as ambulâncias e os bombeiros?” pensei, vendo as pontes inundadas de carros, as caras crispadas dos bogotanos, as ruas destruídas, as aglomerações do TransMilenio e os caminhões de carga sobrecarregados de passageiros. A sensação de habitar um labirinto sem saída ou uma colmeia, suscetível a se amotinar ante uma mínima ameaça, me parecia inevitável. Que faríamos diante de uma evacuação? Por onde circulariam as brigadas de resgate? Como nos comportaríamos se o exército de vigilantes que guarda cada metro quadrado fugisse de suas guaritas

e nos deixasse ao sabor da nossa própria sorte?

Embora admita que sair de um terremoto exacerbe a consciência de vulnerabilidade, creio que essas perguntas são pertinentes para um país localizado numa zona com probabilidades sísmicas e para uma capital que já demonstrou capacidade de reação tão precária diante de uma simples greve de transportes. Porém, meu ofício, como o de Pelayo, está mais do lado das palavras que do lado dos direitos tangíveis e, a partir dessa ótica, prefiro falar do que me causou impacto quase mais que da catástrofe e é o que está ligado ao poder das palavras.

Ante a avalanche de notícias sobre desastres como o do Haiti e o do Chile, milhões de palavras cruzaram o planeta, por redes invisíveis, para enviar mensagens, tão indispensáveis como a água, o teto e a comida. Nesta era virtual, onde se discute a validade da escrita e onde a tinta e o papel andam em franca retirada, quantos caracteres foram escritos e lidos, quantos blogs e quantos emails circularam para contar nossas versões particulares e para compartilhar histórias de dor, de medo, de coragem e de esperança! Como se, pela compulsão de escrever, tentássemos ter notícias de nós mesmos; parecemos passageiras murmurando antigas cantilenas. Presos às palavras, amarrados uns aos outros pelas palavras, acompanhamos os que ficaram, os que regressam a suas casas, os que começam a se levantar e os que caíram, como se também necessitássemos de “ajuda humanitária” para reconstruir nossas casas de palavras, em busca de um fechamento, de sentido ou, simplesmente, de empatia. E, apesar de os telefones modernos e os computadores terem se convertido em nossos talismãs, as mensagens parecem tão repetidas e tão pouco originais como as que nossos bisavós mandavam pelo telégrafo: “Estamos com vocês, abraços. Nós amamos vocês.”

Parece absurdo – e talvez seja – que quando está em jogo a sobrevivência, continuemos pedindo que nos resgatem e nos envolvam com palavras. Talvez isso nos diferencie dos dinossauros que se extinguíram em tempos antigos, quando a terra era tão indômita e incerta como, apesar de tudo, continua sendo. Agora, enquanto voltamos a varrer escombros

e juntamos, uma vez mais, os cacos do espelho quebrado, é necessário ver o que fazem as palavras: as inúteis palavras!

.....

Crônica de um terremoto não anunciado

Luis Cabrera Delgado

Santa Clara, Cuba, 10 de março de 2010

A culpa talvez caiba a Sara Montalván, ou a mim mesmo. Ainda que o mais provável seja a conjunção das potências telúricas andinas com a força dos ventos furacanos do Caribe, elementos destrutivos que a sábia natureza mantém separados por milhares de quilômetros!

O assunto é que esta escritora peruana e eu nos encontramos pela primeira vez em Quito, em abril de 2007, quando assistimos o Congresso Internacional “A leitura como direito e prazer”, e, na ocasião, aconteceu um tremor de terra no Equador. No ano seguinte, ia eu rumo à Bolívia para participar da Feira Internacional do Livro de La Paz e, como deveria fazer uma escala de sete horas no aeroporto de Lima, Sara se ofereceu para me pegar e levar a alguns lugares interessantes de conhecer nessa cidade, para tomarmos um café e conversarmos um pouco. Lembro que, na volta para o aeroporto, comentou que percebia algo estranho na atmosfera. No dia seguinte foi o terremoto do Peru, que, dentre outros danos, afetou o terminal aéreo. Nossa reunião seguinte foi na capital chilena, durante o Congresso Iberoamericano da Língua e Literatura Infantil e Juvenil (CILELIJ), e como um é pouco, dois é bom, três é demais, na madrugada do dia 27 de fevereiro de 2010 deu-se o quarto mais potente terremoto já registrado no mundo inteiro na história dos abalos sísmicos, capaz de inclinar em vários graus o eixo central do planeta, encurtar em alguns segundos a duração do dia e deslocar a cidade de Concepción sete metros para o leste, além de deixar centenas de mortos e perdas milionárias em termos econômicos e materiais.

Fazia cerca de um ano e meio que pelo menos eu e os demais da comissão de apoio ao evento vínhamos trabalhando nos preparativos. A mim foi designada a

responsabilidade titânica, para não dizer irrealizável, de apresentar em trinta minutos um panorama da literatura infanto-juvenil produzida nos últimos trinta anos no continente americano: transformei anos em minutos, e levei meses pesquisando, selecionando e encurtando, encurtando, encurtando minha exposição.

Eu nunca tinha participado de um evento de tal magnitude: o Comitê de Honra era presidido pela Princesa de Astúrias e contava com cinco Ministros e dois Presidentes de Academias de Línguas. Havia mais de setenta convidados de primeiro escalão: escritores, editores, professores e pesquisadores, e quatrocentos participantes inscritos oriundos de países dos dois lados do Atlântico. O Congresso foi organizado pela Editorial SM e pela pessoa de José Luis Cortés, personagem sofisticado e eficiente de maneira superlativa, com um aspecto físico de figurino simpático e agradável, ótimo para ser usado como duende ou feiticeiro moderno e do bem num conto infantil.

Às 03h30 do desafortunado dia, talvez por causa do vinho ingerido no jantar oferecido pela Editorial Alfaguara a seus escritores, sem nada a ver com problemas prostáticos, precisei me levantar para fazer xixi, e não fiz mais que colocar a cabeça novamente no travesseiro que foi como se uma conspiração mágica me tivesse trasladado a um vagão de madeira num trem de segunda por uma destrambelhada linha férrea: o mesmo barulho e o mesmo sacolejo, com a particularidade que os objetos em cima das mesas começaram a cair, garrafas, lâmpadas e livros, a geladeira se abriu e latas e potes foram saindo.

Como numa vez anterior, alguns anos antes, eu já tinha experimentado essa sensação num pequeno tremor na mesma Santiago do Chile, sem consequência alguma, no primeiro momento não me assustei. Como fazia pouco tinha recebido uma informação eletrônica do que fazer numa situação de abalo sísmico, não sair correndo pelas escadas nem se colocar nos vãos das portas, deitei no chão perto da minha cama, pois, no caso de desabamento do teto (e do edifício), seria criado um espaço triangular que me permitiria conservar a vida até que me tirassem debaixo dos escombros (se é que os bombeiros

iriam me encontrar). A única coisa que me deixou preocupado foi que aquele suposto passeio de trem não acabava: quinze, trinta, sessenta, noventa segundos... que, dado o estresse do momento, iam se multiplicando por minutos, horas e dias.

Quando acabou, então, foram os gritos pelos corredores, as portas se abrindo e os passos apressados. Mais para observar a reação dos demais que por ser partícipe do caos, me vesti e, precavidamente, peguei meu passaporte e dinheiro, desci ao saguão do hotel e fui para a rua. A primeira pessoa com quem encontrei foi uma professora meio arrogante e pouco comunicativa que tinha se mantido o tempo todo distante de mim, mas que o medo fez me abraçar em busca de proteção. Havia um senhor gordo vestido somente com uma cueca de pano, daquelas que em Cuba chamamos de “mata paixões”, azul clarinho e enfeitada, além de tudo, com uns elefantezinhos amarelos; pelo que me contaram, era hóspede de outro hotel e passou correndo, não sei para onde, e ali o detiveram. Havia também uma escritora das nossas, senhora distinta e circunspecta, envolta num lençol, e uma professora centro-americana tendo um ataque histérico. Um casal espanhol: ela toda chorosa e assustada, enquanto ele a protegia com um abraço, assegurando-lhe que morreriam juntos (consolo corajoso, mas assim são os cavalheiros de Castilla La Mancha, ora). Outra querida amiga, que até poucos dias estava usando um colete por causa de um problema na coluna e viajou acompanhada do marido para ampará-la, desceu em tempo recorde as escadas do décimo andar do hotel; o marido fraturou os dedos dos dois pés, eles dizem que tropeçou num móvel porém as más línguas comentaram que foi na corrida pelas escadas tentando alcançá-la; fato é que saíram do Chile, ele numa cadeira de rodas e ela a conduzi-lo. Mulheres descalças, homens se vestindo, e todos assustados. Ambulâncias e sirenes de carros de patrulha cruzando a toda velocidade pela Alameda de Santiago, e a todo instante as freadas dos automóveis que, sem respeitar os sinais, se viam obrigados a parar de chofre para não bater.

E como nas Vinhas do Senhor existe de tudo, uma escritora cujas companheiras de quarto mandaram se vestir para descer,

disse que não iria sem se arrumar direito. Foi à sua banheira mas encontrou-a cheia de escombros, de forma que acabou se dirigindo a outro quarto e pediu à hospede em fuga que lhe deixasse tomar um banho. E tomou, e se vestiu e, como tampouco desceria feito uma condenada sem maquiagem, tratou de passá-la e retocá-la, e foi enfim se unir toda esplêndida ao resto dos evacuados. Estávamos tal qual os passageiros do filme Titanic sem saber o que fazer. Como nos encontrávamos ao lado da igreja de San Francisco, acompanhei uma querida amiga boliviana até as redondezas do templo; ali nos encontramos com um sacristão que, iluminando tudo com uma lanterna, constatou orgulhoso que a imagem do santo não tinha saído do lugar. Eu sou agnóstico, mas como nunca se sabe, informei a um sacerdote de Montreal que acompanhava o sacristão que tinha feito o curso secundário num colégio católico de padres canadenses. Se voltasse o terremoto e morrêssemos, chegaria diante de Deus bem acompanhado e recomendado por um de seus servos.

Diante da tragédia que vivia o país, decidiram suspender o Congresso. As réplicas eram constantes, razão pela qual permanecíamos a maior parte do tempo no saguão do hotel (houve até quem dormisse ali mesmo nas noites seguintes) e o tema das conversas naqueles dias não foram livros nem literatura mas como sair dali, acossados pelas terríveis imagens que a televisão transmitia das zonas devastadas. O frontispício do Museu de Belas Artes tinha se desprendido e caiu sobre os degraus que horas antes nos permitiam entrar e sair do recinto; o teto de vidro do salão onde nos reuníamos também se quebrou e, se o terremoto tivesse ocorrido noutra hora, possivelmente quem estaria escrevendo esta crônica seria um jornalista alheio ao convite literário, e não eu. O aeroporto tinha sofrido sérios danos estruturais e vários equipamentos ficaram estragados, por isso continuava fechado, as reservas eram perdidas e as companhias aéreas não atendiam o telefone.

Os organizadores do evento, e de novo José Luis Cortés, junto com as moças da agência promotora, ficaram o tempo todo atentos às nossas necessidades e tentaram

solucionar o problema da partida. Alguns (porto-riquenhos, venezuelanos e equatorianos) resolveram sair pela Argentina atravessando o Paso de los Libertadores (agora dos libertados) e de lá tomar um avião para seus respectivos países; e também os argentinos. Várias bolivianas e peruanas fizeram o percurso dos colonizadores às avessas e partiram de ônibus para o norte. Os brasileiros foram evacuados no avião do Lula, seu presidente em visita relâmpago ao Chile. Os colombianos, numa aeronave das Fuerzas Aéreas de Colombia que veio trazer ajuda solidária. Os espanhóis, no primeiro voo especial da Iberia.

E eu, sem visto para entrar num terceiro país, sem a visita do meu presidente nem a possibilidade de tomar o avião militar que levou nossos médicos, sem voo especial da Cubana de Aviación e muito menos possibilidade de chegar a Cuba por terra, tive de ficar uma semana a mais no Chile e ser o penúltimo dos evacuados do CILELIJ. Depois de mim sairia uma pobre guatemalteca a quem, apesar das ingerências no nível dos Ministros de Relaciones Exteriores da Guatemala, do México e do Chile, não deixaram tomar o avião que foi buscar os mexicanos.

À meia noite, hora em que terminava o sábado dia 6 de março, levaram-me para o aeroporto. Estava operando de maneira artesanal, numa barraca grande colocada junto à pista. Tive de percorrer trajetos circunvizinhos empurrando o carrinho com minha mala, esperei mais de duas horas de incerteza numa fila a céu aberto, passei frio e teria me feito falta um bom café mas afinal cheguei a uma sala de espera improvisada onde consegui dormir sobre umas cadeiras duras, todavia um sono tão profundo que os operadores de voo precisaram me chamar em voz alta para que eu tomasse o avião. Afinal chegou o almejado momento em que as rodas da minha aeronave deixaram para trás a tremedeira do solo chileno.

E depois tem gente que diz que eu invento as coisas que sempre me acontecem quando viajo! Ah, por acaso, eu e Sara resolvemos manter uma amizade à distância, sem nos encontrarmos, mais uma vez sequer, seja qual for o lugar sobre a face do planeta.

Um instante e 29 instantâneos para registrar um terremoto e suas réplicas

Daniel Goldin

Publicado na revista Letras Libres, cidade do México, México, em abril de 2010

0. Um forte tropel de pedras que se quebram, parcas, surdas, vindo das profundezas escuras do chão. Parcas surdas. Uma invasão de cupins invisíveis e vorazes que, de chofre, destroem tudo. Em vão, tento descrever um som que, em essência, é ameaça.

1. O sonho protege o sonho. Quando se passa quase três noites em claro, é natural tentar incorporar ao sonho qualquer ruído que coloque em risco o descanso. Mas não é possível assimilar o escândalo de um terremoto.

2. O subsolo, os edifícios, as paredes e os tetos, os móveis e as lâmpadas penduradas, os objetos que caem e se arrebentam. Tudo faz barulho. E o tempo de dilata. Estou despertando do meu sonho ou também de outro sonho mais atávico, aquele dos afãs de verticalidade e solidez?

No impasse se estende uma incomensurável sensação de horror e estranheza.

3. O terror descarrega adrenalina. Penso, relembro, faço cálculos a uma velocidade exorbitante. Está tremendo, digo a mim mesmo. E isso me tranquiliza.

Nós, mexicanos, estamos habituados aos abalos sísmicos. Não nos encolhemos de medo. Mas Karen é belga e ficou em casa com nosso filho de três meses.

Estendo a mão para ligar e dizer que estou bem. Mas a linha foi cortada. Ou não consigo discar direito (era primeiro o 9 ou o 0?). Talvez por causa da tremedeira esteja discando errado. Acendo a luz. A lâmpada oscila. Antes que se apague, consigo ver que a parede rachou. Uma nuvem de gesso flutua no ambiente.

Não é mais um tremor.

4. Nós, mexicanos, estamos acostumados com os tremores. Mas não é possível se acostumar com os terremotos. É aterrador o momento em que você descobre a diferença.

Os especialistas decerto têm formas precisas para descrever essa diferença. Para mim, é a esticada que me permite pressentir minha morte. Ser um desses números impessoais que devoram as notícias. Pois, então, aqui se acabou minha história. Em cama alheia. Longe dos meus. Não existirei mais em palavras, apenas em números.

6. Sobreviver a um abalo sísmico tem muito de azar. Aprendi isso em setembro de 1985, durante o terremoto da Cidade do México. Algumas pessoas que fogem apavoradas acabam presas na escada. Outras parecem paralisadas pelo pânico.

Se tudo é arriscado, é melhor escolher o que você quer. Fazer o que tiver vontade. Ou o que puder. Estou num quinto andar, com uma luxação, não posso correr, nem saberia para onde.

Faço cálculos. O terremoto já passou, mas o pesadelo acaba de começar. Vislumbro os dias que se seguirão. Saio do quarto com o passaporte, a carteira e as muletas que acabava de conseguir na tarde de ontem. O primeiro é imprescindível para voltar. O segundo começará a escassear em poucas horas. Antes de fechar a porta, volto para pegar os sapatos. Imagino o chão cheio de escombros e detritos. Convém evitar outro ferimento.

7. Se a civilização é aquilo que construímos para reduzir a incerteza, viver um abalo sísmico num hotel é confrontar de maneira extrema as culturas. No corredor me encontro com um casal de suecos espavoridos. Seus rostos não revelam o susto apenas; estão com raiva destas terras indômitas e imprevisíveis. Um rancor que aflora subitamente, mas que já é antigo.

Se estivessem assistindo ao noticiário na tranqüilidade do lar, talvez até se compadecessem dos pobres chilenos, mas agora são vítimas a mais. E isso é impossível eles aceitarem.

8. — Isso é um terremoto? — pergunta Teresa Colomer. Parece ingenuidade, mas não é. Em sua terra natal, Barcelona, só se sabe dos abalos sísmicos pelos noticiários. Por experiência própria, somos poucos os que podemos responder. Quantos de nós já passamos por dois ou mais terremotos? Como tantas outras coisas, os movimentos telúricos estão distribuídos de forma desigual. E são as experiências prévias

que determinam nossas reações.

Nós, mexicanos, nos consideramos especialistas. Mas de que me serviu a experiência? Em 1985, estar acostumado aos abalos sísmicos me impediu de imaginar a ordem de grandeza do desastre na Cidade do México. Em 2010, a experiência de 85 me faz supor uma cidade devastada e centenas de milhares de mortos. Sei que o fato de sobreviver não é garantia de que a cidade esteja em pé.

9. — Aconteceu uma coisa terrível. Um terremoto destruiu Santiago, deve haver centenas de milhares de mortos, mas estou bem. Também Pancho, Juan, Yolanda e Elisa. Liguei para meus filhos e amigos. Não sei quando poderemos nos falar novamente; falei com a Karen pelo Blackberry da Patsy, uma amiga canadense. É melhor perturbar seu sono agora do que você acordar daqui a algumas horas com alguma notícia quando já estivermos incomunicáveis.

10. Algumas horas atrás éramos tão diversos que ninguém teria se dado conta de falar de conjunto. Agora, todos compartilhamos uma mesma condição: somos sobreviventes. Os hóspedes das mais diversas nacionalidades, os noivos que festejavam no hotel seu casamento com dezenas de amigos e familiares, o pessoal do hotel que nos atende. Neste carnaval de improviso, os pijamas e as camisolas acabam sendo roupas menos espalhafatasas que os brilhantes vestidos de noite das damas de honra.

11. Não parei de tremer e, rebuscando aqui e ali anedotas e emoções, já estamos construindo uma habitação tão precária quanto um relato. Nestes albergues, nos guarnecemos do espanto.

12. Dizem que os cachorros percebem os abalos sísmicos antes dos homens. Não sei. No passeio do hotel onde estou reunido com outros companheiros do Congresso Ibero-americano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil, três viralatas buscam resguardo entre nós. Não querem comida. Só companhia.

No dia seguinte, alguém me conta que um parente seu passou por um abalo sísmico num décimo quinto andar com dois cachorros que se cagaram de medo. O valor da cultura é esse: buscar refúgio nas experiências próprias ou dos outros para não se cagar de medo?

13. Compreender, adequar-se, atuar para voltar à normalidade. Cada um tem seu jeito, mas as operações são as mesmas. Depois do sacolejo, é preciso recolocar nos trilhos o transcurso do tempo que se encontra rompido. É necessário eliminar a incerteza que surge pelas rachaduras. Cerzi-las, primeiro com palavras.

14. O casal de suecos espavoridos foge da nossa algazarra estranhamente festiva. Vejo-os distanciando-se na penumbra, pois metade da cidade ficou às escuras, desobedecendo ao pessoal do hotel que nos pede para não nos afastarmos porque andam assaltando bem ali na outra calçada.

15. Como em qualquer outra desgraça, o terremoto desperta as aves de rapina. São muitas as formas de se alimentar do desamparo alheio. Alguns saem às ruas quebrando vidraças ou roubando pedestres tomados pelo pânico. Quebram vitrines para conseguir acesso àquilo que cotidianamente lhes é mostrado mas não está a seu alcance. Já que tudo está sendo destruído mesmo, para que se conter? Outros alimentam sua santidade mostrando o rosto compungido. Com o passar dos dias veremos como crescem ambos os bandos.

16. A luz da manhã nos mostra algo muito diferente do desastre conjecturado. Santiago está de pé. Suas largas avenidas, desoladas. Não há circulação de bombeiros nem de ambulâncias, e praticamente nenhum carro também.

O edifício mais danificado foi justamente o Museu de Arte, sede do nosso congresso. Veremos as fotos algumas vezes. Na televisão. Nos jornais nacionais. Nas edições eletrônicas dos jornais internacionais. Também aqui existe um golpe (de efeito) e suas réplicas. Réplicas de réplicas para construir verossimilhança (ou para alimentar os gaviões).

17. Curiosamente, em nenhuma foto da fachada arruinada aparece a faixa que anuncia ser aquele prédio a sede do Congresso. Todos os participantes sabemos que, se o tremor tivesse acontecido 6 ou 7 horas mais tarde, seríamos um capítulo negro da história da literatura infantil e juvenil ibero-americana. Essa mesma história que andávamos descobrindo, fundando e inventando durante as duas primeiras jornadas do congresso. Ao menos,

nos alegramos por não sermos ninguém, uma vez mais.

18. O andar térreo do hotel Plaza San Francisco se transformou num acampamento de refugiados. Passeamos pelo saguão, pelo bar, pela sala de TV. Vivemos momentos abestalhados em que não há cabeça para nada. Para saber onde estamos, o que aconteceu e, em última instância, o que vai ser de nós. Devemos recorrer aos outros que, não obstante, nos chamam para saber de nós como estamos, o que aconteceu, o que estamos passando. Assistimos à televisão para nos inteirarmos de nós mesmos. Tentamos casar aquilo que escutamos e vemos na tela com o que enxergamos. O que vivemos com o que se supõe que deveríamos estar vivendo.

19. Desde que começou o tremor, deslizamos de ser um para sermos outro. Seremos com os outros. Seremos nós. Cada deslize recorda o que é realmente importante. Termos estado perto, termos podido estar do outro lado.

A diferença entre estar num lado ou no outro tem a ver com decisões instantâneas. Mas esses segundos demoram toda uma vida.

20. Teresa Colomer, Daniel Cassany e eu passeamos de carro pela cidade com Constanza de Mekis e sua filha fotógrafa. Cruzamos o rio Maipu algumas vezes. A quietude lembra dia de feriado. O comércio, os museus e os parques estão fechados. Mas ninguém fecha um cemitério depois de uma catástrofe. E somente a três turistas nostálgicos e duas chilenas loucas e adoráveis lhes ocorre visitar o panteão onde repousam os restos de Allende.

“Muito mais cedo que tarde se abrirão as largas alamedas...”. Releio na lápide aquelas frases que sabia de memória. Estamos a poucos dias de se concluir a volta dos socialistas ao poder. Outro setembro que vem bagunçar minha memória neste dia tão estranho.

21. É impossível não pensar em 1973. É inevitável nos perguntarmos pelas formas como construímos e destruímos nossos países.

A que imputar a destruição da Cidade

do México e o contraste com a incólume Santiago? Somente ao subsolo de nossa cidade?

Talvez, mais que no limo, a resposta se encontre na cultura cívica e política dos chilenos, tão distanciada da picardia e da corrupção latino-americanas.

22. Fica estranho ver a presidenta Bachelet em destaque quando ainda nem existia um relatório do que aconteceu: sem dissimulação alguma, mostram-na desconcertada, mas ocupando-se. Que diferença para o recatado silêncio oficial do nosso 19 de setembro!

23. Muitas coisas foram derrubadas nestas décadas, além de democracias e ditaduras. Estou em Santiago com mais de 400 autores, ilustradores, editores, promotores de leitura e funcionários de mais de 10 países ibero-americanos. Quem nos convocou não foi governo nem entidade estatal, tampouco um organismo internacional, mas sim a Fundación SM, sediada na Espanha. Nem toda a retórica latino-americana teria sido capaz de reunir os brasileiros com os guatemaltecos, equatorianos ou argentinos. Será que colombianos e mexicanos temos um passado, um presente ou um futuro comum com boricuas e brasileiros?

24. Somos representantes de nossos países mesmo que não tenhamos sido designados por funcionários do estado? Podemos pedir ajuda a nossos governos? O trabalho do adido cultural é ajudar conterrâneos que estejam participando de um congresso onde se discute, dentre outros temas, políticas públicas de leitura? Qual é a responsabilidade dos diplomatas que representam nossos países?

25. A delegação espanhola providencia seu regresso com eficácia e pontualidade e, acotovelando-se literalmente, todos seus integrantes tomam um avião com a ajuda de seu embaixador. Deste lado, nós, ibero-americanos, mostramos a precariedade de nossos estados. Não ocorre a nenhum argentino pedir ajuda a seu governo. Eles estão habituados ao desamparo. Na embaixada da Venezuela, o porteiro tem ordens de responder que o senhor embaixador está muito ocupado. Fica claro que lá não existem cidadãos,

mas sim um patrão, seus lacaios e clientes.

Na delegação mexicana, quase todos conhecemos *Alguém* que poderia nos ajudar. Cada qual faz o que pode para se safar. Mas, como grupo, enviamos uma carta assinada para a imprensa. Na manhã seguinte, o embaixador se apresenta. Expressa preocupação e disposição, mas revela-se incomodado.

Jamais saberemos se teríamos sido atendidos com a mesma presteza se não tivéssemos publicado a carta. As respostas poderiam ter sido: “É preciso paciência”, como disseram a uma compatriota que ligou pedindo ajuda.

26. Somos a última delegação a sair. Os companheiros da Colômbia, Peru e Brasil voltaram para casa em aviões oficiais. O governo do México prometeu um quando o aeroporto estava fechado para voos comerciais. Os jornais e os familiares nos dizem que já saiu. Na verdade, voltamos num voo comercial da Aeroméxico com passagens compradas pela SM ou endossadas pela Lan Chile.

27. Uma multidão de jornalistas nos recebe como se fôssemos estrelas ou desportistas e não simples cidadãos contentes de chegar de volta em casa. Em breve ficaremos sabendo da indignação de alguns jornalistas com os “intelectuais” que queriam um avião para voltar para casa. Parece uma esquisitice pedir uma coisa que é obrigação de todo governo: proteção, informação ou ajuda. Mas isso nós já sabíamos antes de partir.

28. Ainda não sinto que cheguei, que estou aqui. Sou perseguido por ecos. Qualquer barulho dispara alarmas. Quando entro num recinto, vou logo procurando a rota de evacuação. Não há como compreender a precariedade. Nem como se resignar a aceitá-la.

29. Abalos. Tremores. Terremotos. Réplicas. Todos em questão de escalas. Igual como quando contrastamos a fragilidade insular com a firmeza dos continentes que não passam de imensas ilhas rodeadas de mar. Como esquecer isso quando se vai tentar construir um lugar para morar?

Kitty Crowther é a vencedora do Prêmio Astrid Lindgren Memorial - ALMA 2010

A ilustradora e escritora belga Kitty Crowther, nascida em 1970, é a grande vencedora de um dos maiores prêmios de literatura para crianças e jovens no mundo, o *Prêmio Astrid Lindgren Memorial – ALMA*. O *Prêmio ALMA* é administrado pelo Conselho Nacional Sueco de Assuntos Culturais e foi criado pelo governo sueco com o intuito de honrar a memória da escritora Astrid Lindgren, autora de uma das mais conhecidas personagens infantis mundiais *Pipi meias longas*. O prêmio, no valor de 450 mil euros, é concedido anualmente a um ou a vários vencedores. Autores, ilustradores, contadores de histórias e mediadores de leitura podem se candidatar. O objetivo do prêmio é promover a literatura para crianças e jovens e os direitos das crianças, em todo o mundo.

Segundo o parecer do júri, “Kitty Crowther é uma mestra da linha, mas também da atmosfera. Ela mantém a tradição do livro-álbum ao transformá-lo e renová-lo. Em seu mundo, a porta entre a imaginação e a realidade estão largamente abertas. Ela se dirige ao leitor de forma delicada e pessoal, mas com efeito profundo. Ela sente grande empatia com as pessoas em dificuldade, e mostra meios para transformar a fraqueza em força. O humanismo e a simpatia permeiam e unificam sua arte.

Nos livros de Kitty Crowther, o texto e as imagens dão forma ao todo. Seus principais trabalhos são seus próprios livros-álbuns, incluindo o *L'enfant racine*

(2003), *La visite de Petite Mort* (2004), *Le grand désordre* (2005) e o *Poka & Mine series* (2005, 2006, 2007, 2010).

Ela se dirige, pessoalmente, aos leitores que usam um repertório limitado de ferramentas, tais como: lápis, tinta e lápis-de-cor. As expressões faciais, a postura e a atmosfera são capturadas com uma precisão infalível. No mundo de Kitty Crowther não há estereótipos básicos. As paisagens onde as histórias acontecem se parecem com as que já conhecemos, mas Kitty Crowther vislumbra além delas um mundo mais rico de possibilidades do que aquele que imaginamos.”

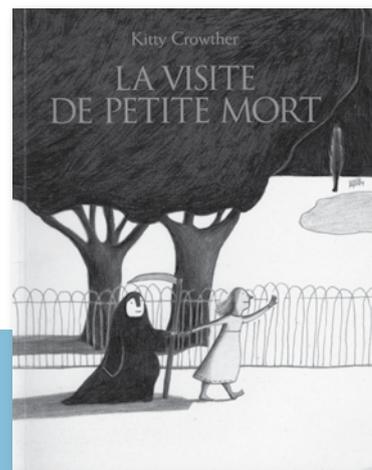
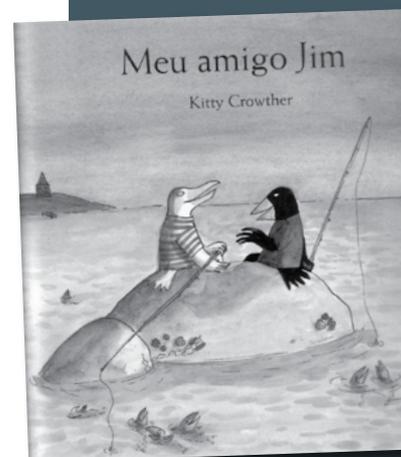
A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, como Seção Brasileira do *International Board on Books for Young People - IBBY*, indica, a cada ano, um escritor e um ilustrador brasileiros para concorrer ao *Prêmio*. Para a edição de 2010, os candidatos brasileiros foram o escritor Bartolomeu Campos de Queirós e o ilustrador Roger Mello. Em 2004, a escritora brasileira Lygia Bojunga foi vencedora do Prêmio.

Na Biblioteca da FNLIJ está disponível para os sócios e mantenedores a obra *Meu amigo Jim*, com texto e ilustrações de Kitty Crowther, publicada pela Cosac Naify, em 2007.

Para acessar imagens e entrevistas com a vencedora Kitty Crowther e o Júri do Prêmio ALMA, contate o escritório do ALMA pelo e-mail: agnes.lidbeck@alma.se ou pelo telefone: +46 76 540 10 17. Mais informações também pelo site www.alma.se



Photo: Astrid Lindgren Memorial Award.



12º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens está chegando!

O maior evento da América Latina totalmente voltado para o livro de literatura para crianças e jovens está chegando em sua 12ª edição e acontecerá nos dias 08 a 19 de junho, no Centro Cultural Ação da Cidadania (Rua Barão de Tefé, 75 - Zona Portuária do Rio de Janeiro).

O 12º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens reserva grandes novidades. Numa área física de mais de 3.300 m², o evento contará com 74 estandes distribuídas ao longo desse espaço, possibilitando a um público estimado de 50 mil pessoas conhecer o que há de melhor em livros dedicados a crianças, jovens e educadores. Além dos lançamentos, bate-papos, performance de ilustradores, leitura de obras premiadas, o evento contará, como na edição anterior, com o Espaço de Leitura, local destinado a lançamentos e performance de ilustradores e com três bibliotecas para públicos diferenciados: crianças, jovens e professores/educadores. A grande novidade deste ano será um novo espaço: a *Biblioteca FNLIJ para Bebês*. Um local que trará literatura para crianças de 0 - 4 anos.

O Sindicato dos Professores (SINPRO) do Estado do Rio de Janeiro, neste ano, também terá um estande de apoio aos seus professores, assim como a Secretaria Municipal de Educação, que há anos tem seu espaço no Salão FNLIJ.

Como em todos os anos o Salão FNLIJ homenageia um país. Neste ano será a

Coréia do Sul. Além de um estande com informações na área da literatura sobre esse país e de uma exposição, especialistas, escritores e ilustradores da Coréia do Sul, traduzidos no Brasil, também participarão do evento, com o apoio dos editores brasileiros, para trazerem suas experiências com livros para crianças e jovens.

O primeiro dia do Salão FNLIJ, dia 8 de junho, como no ano anterior, será dedicado à visita exclusiva de professores que, guiados pela equipe da FNLIJ, conhecerão todos os espaços de atividades do evento, bem como o conceito do Salão FNLIJ como ação promotora de leitura, a fim de que possam usufruir melhor quando fizerem a visita posterior com seus alunos. A entrada ao Salão FNLIJ neste dia é gratuita para os professores da rede pública e privada do Município do Rio de Janeiro, desde que seja feito o agendamento prévio.

Paralelo ao Salão FNLIJ acontecerá o 12º Seminário FNLIJ de Leitura e Literatura, nos dias 16 a 18 de junho, com a seguinte temática:

Dia 16 – A importância da Literatura na Educação de Crianças e Jovens na Coréia do Sul

Dia 17 – Livros e Leitura desde o berço

Dia 18 – VII Encontro de Autores Indígenas

Para participar do Seminário FNLIJ é necessário fazer inscrição.

Já para o Espaço FNLIJ de Debate (au-

2262.9130 com Marta Müller.

Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil

As inscrições para os três dias do Seminário podem ser realizadas pelo e-mail: seminario@fnlij.org.br, pelo telefone (21) 2262-9130, com Beatriz Serra, ou ainda no endereço da FNLIJ (Rua da Imprensa, 16 - 12º andar).

O valor da inscrição é de R\$ 60,00

ditório), que além de abrigar o *Seminário FNLIJ*, está sendo elaborada uma programação voltada à reflexão sobre o momento atual da Literatura Infantil e Juvenil e apontamentos futuros: palestra aos pais sobre a importância do livro e da leitura para crianças e jovens, com Elizabeth Serra; palestra *A leitura da Imagem narrativa dos Livros infantis e Juvenis*, com o ilustrador Rui de Oliveira; palestras de professores do curso *Leitura, Literatura e Formação de Leitores*, desenvolvido e realizado pela FNLIJ para a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e palestra do SINPRO – RJ.

Além do auditório, nesta 12ª edição do Salão FNLIJ, será criado um novo espaço para encontros institucionais, destinados a profissionais da área e não aberto ao público em geral, que irá abrigar: o 1º Encontro Nacional do Varejo do Livro Infantil e Juvenil, com a temática, *Como agregar valor comercial à livraria trabalhando com livros infantis e juvenis*, em parceria com a Associação Nacional de Livrarias - ANL e a Câmara Brasileira do Livro - CBL (confira programação no box ao lado); o Encontro do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe – CERLALC; a Reunião da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil – AEILIJ.

Alguns escritores e ilustradores já confirmaram sua presença nessa edição do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens: Adriana Falcão, Ana Maria Machado, Bia Hetzel, Caio Riter, Daniel Kondo, Fernando Vilella, Flávio Carneiro, Graça Lima, Graziela Bozano Hetzel, Jô de Oliveira, Karen Acioly, Katia Canton, Leo Cunha, Luciana Savaget, Luiz Antônio

até o dia 14 de junho. Após essa data, o valor será R\$ 90,00 e as inscrições somente serão realizadas no 12º Salão FNLIJ. Existe, também, a opção de inscrição para palestras avulsas, com o valor de R\$ 40,00 para cada dia. A inscrição no *Seminário FNLIJ* dá direito à entrada gratuita no Salão FNLIJ durante o período de realização do *Seminário*.

Mais informações, acesse o site www.fnlij.org.br

Salão FNLIJ

Dia 08 • Visita guiada para professores da rede pública e privada de ensino;

Visitação escolar • escolas interessadas em visitar o Salão FNLIJ com seus alunos.

Ambos os agendamentos, dia do professor e visitação escolar, podem ser feitos pelo e-mail: visitacaoescolar@fnlij.org.br ou pelo telefone (21)

Aguiar, Marilda Castanha, Michelle Iacocca, Nilma Lacerda, Ricardo Azevedo, Roger Mello, Socorro Acioli, Stela Maris Resende e Ziraldo.

A programação completa dos espaços, bem como os escritores e ilustradores que participarão desta 12ª edição do *Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens* você pode conferir no site www.fnlij.org.br/salao. Programe-se, agende a sua escola, participe!

Atenção Livreiros!

1º Encontro Nacional do Varejo do Livro Infantil e Juvenil – Como agregar valor comercial à livraria trabalhando com livros infantis e juvenis

PROGRAMAÇÃO

10h • Abertura – números do setor, estatística – livreiros da Câmara Brasileira do Livro - CBL, Associação Nacional de Livrarias - ANL e Sindicato Nacional de Editores de Livros - SNEL;

11h • Tendências do livro infantil e juvenil no mundo e no Brasil;

12h • Livreiros Alexandre Martins Fontes – Livraria Martins Fontes - SP, Claudia Amorim – Livraria Malasartes - RJ, Samuel Seibel – Livraria da Vila - SP e José Xavier Cortez – Livraria Cortez – SP;

12h30 • Como montar um espaço para os livros infantis na sua loja – Livraria da Travessa, RJ • Projetos de exposição de livros para atrair o interesse dos jovens leitores – Bel Lobo, Arquiteta;

13h30 • Almoço / Tempo livre para visitar o salão;

17h • Inauguração do **12º Salão FNLIJ**, com entrega do Prêmio FNLIJ, seguida de coquetel.

Inscrições: pelo e-mail: seminario@fnlij.org.br.

Valor: R\$ 70,00 com direito a almoço.

Celebração do centenário de Carlos Costa, fundador da Editora do Brasil



No dia 4 de fevereiro, se estivesse vivo, Dr. Carlos Costa, fundador da Editora do Brasil, estaria fazendo 100 anos. Em sua homenagem, a família Costa e a Editora do Brasil realizaram uma missa para comemorar o centenário de seu nascimento. Nascido em 4 de fevereiro de 1910, em São Pedro, SP, aos 16 anos entrou para a Faculdade de Medicina de São Paulo. Aos 22 anos, sua tese de doutoramento recebeu a medalha de ouro do Instituto Médico Legal pelo melhor trabalho de 1932. Ao longo de sua vida, foi médico, professor e autor de livros didáticos. Publicou obras nas áreas de Botânica, Anatomia, Fisiologia e Química.

Em 1943, movido pelo ideal de disseminar o conhecimento, coordenou o grupo de associados que criou a Editora do Brasil S.A. e assim, traçou um importante objetivo na história do livro no Brasil, fez da

educação um ideal de vida para os brasileiros ampliando o acesso e a relação entre o livro e o usuário do livro a preços acessíveis e com a qualidade do conteúdo editorial. Esse ideal deu bons frutos ao longo dos 67 anos da Editora do Brasil e representa uma importante marca no mercado editorial.

Dr. Carlos Costa, à frente da Editora do Brasil, participou de vários momentos importantes, inclusive da criação de entidades como a Câmara Brasileira do Livro – CBL, do Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e da Associação Brasileira dos Editores de Livros – ABRELIVROS.

A FNLIJ presta a sua homenagem a esse importante visionário que muito colaborou com as ações desta Fundação e que dedicou sua vida em prol da educação de crianças e jovens brasileiros.

9ª Jornada Andina de Literatura Latino-americana

O Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Campus do Grogotá, Niterói, RJ, irá sediar a 9ª edição das Jornadas Andinas de Literatura Latino-americana – JALLA, nos dias 2 a 6 de agosto de 2010.

O primeiro JALLA aconteceu em La Paz (Bolívia), em 1993, e desde então tem atraído cada vez mais participantes provenientes de um crescente número de países. Realizado a cada dois anos, o congresso já foi sediado nas seguintes cidades: San Miguel de Tucumán (Argentina), Quito (Equador), Cusco (Peru), Lima (Peru), Bogotá (Colômbia) e Santiago (Chile). O JALLA é o congresso de latino-americanistas que se transformou em um dos mais importantes encontros da área de estudos de literatura e cultura no continente por ser um espaço privilegiado de debate e reflexão.

O interesse para o Instituto de Letras da UFF de sediar este congresso está jus-

tamente na possibilidade de pensar a América Latina dentro de uma perspectiva mais inclusiva. Por isso, foram pensadas sete áreas temáticas que possibilitem o diálogo entre a América Hispânica, o Caribe e o Brasil, na tentativa de se produzir um discurso que incorpore essas diferentes áreas culturais em uma geografia política que vai além das históricas separações resultantes de diferenças culturais e de língua.

Na área temática *O entre-lugar do intelectual latino-americano* acontecerá a mesa coordenada por Nilma Lacerda (UFF) *A responsabilidade do intelectual na formação de jovens leitores críticos*, e terá a participação de: Emilia Gallego (IBBY cubano - *Para Leer el XXI desde América Latina: la Concepción de un Congreso de Lectura*); Elizabeth Serra (FNLIJ/seção brasileira do IBBY); Graça Paulino (UFMG); Irene Vasco (Colômbia).

Mais informações sobre o JALLA, acesse o site www.proppi.uff.br/jalla.



Número 8 da revista eletrônica Tigre Albino já está no ar

O número 8 da revista eletrônica Tigre Albino dedica-se principalmente à poesia na sala de aula e já pode ser acessada pelo site www.tigrealbino.com.br. Com a provocação, por que alguns professores têm medo de poesia? A revista busca tratar o tema por meio de relatos de especialistas, professores e autores. Nesta edição você encontra: **Maria Antonieta Cunha** discutindo que tipo de poesia oferecer na sala: a poesia épica ou a lírica? Ela analisa também duas versões de um mesmo poema de Cecília Meireles, indicando caminhos e técnicas de análise. A seguir, **Ana Maria Machado** mostra como se pode falar de uma maneira simples e profunda ao mesmo tempo. Já **Gislaine Marins** descreve um projeto italiano que achou um jeito especial de levar a poesia aos bebês, envolvendo professores e pediatras. A primeira seção do Tigre completa-se com **Marisa Lajolo**, que nos apresenta Ritinha, uma personagem atrevida criada por Pedro Bandeira.

Na segunda parte, a editora **Elizabeth Serra** convidou e **Rosangela Sivelli** acei-

tou falar sobre um caldeirão mágico que ela criou na Sala de Leitura de E. M. Barão Homem de Melo, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, onde fervilham muitos textos, especialmente poesias. Já o editor de Tigre Digital, **Miguel Rettenmaier** convidou **Jandi Barbosa**, que em seu artigo reflete sobre as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre os blogs e as textualidades literárias.

Annete Baldi entrevista o mineiro **Leo Cunha**, responsável por uma das mais importantes produções poéticas para crianças em todo o Brasil. E **Sérgio Capparelli** se pergunta sobre a possibilidade de **Pablo Neruda** frequentar uma sala de aula cheia de crianças e de jovens. Já **Gláucia de Souza** tira de seu baú de memória *Fardo de carinho*, que **Roseana Murray** publicou em 1980 e *Carteira de Identidade*, de 2010, e aproveita para prestar uma homenagem à autora, que está completando 30 anos de poesia para crianças. No fim, *O Imperador Amarelo*, de **Heloisa Prieto**, tentando saber por que a China está se fazendo presente na literatura para crianças brasileiras.

Livros de Literatura na Escola

A Escola Municipal Padre Carlos, de Lima Duarte, Minas Gerais, recebeu a doação de 155 livros da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. A FNLIJ teve a oportunidade de conhecer a escola quando constatou a pouca quantidade e variedade de livros de literatura infantil e juvenil. Os livros doados fazem parte dos títulos enviados anualmente pelas editoras para a seleção anual da FNLIJ. Com essas obras, a escola poderá desenvolver projetos de leitura com seus alunos e comunidade. Essa doação soma-se a inúmeras realizadas por outras votantes e possibilitam que mais crianças e jovens tenham acesso ao livro e à leitura.

Veja a versão on-line do Notícias no site www.fnlij.org.br

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agência Literária Riff, Agir, Aletria, Alis, Artes e Ofícios, Ática, Autêntica, Barsa Planeta Internacional, Berlendis, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Duetto, Edelbra, Edíouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Elementar, Florescer, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil, Global, Globo, Guanabara Koogan, Iluminuras, Imperial Novo Milênio, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Leitura, L&PM, Manati, Manole, Marcos da Veiga Pereira, Martins Editora, Mazza, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Moderna, MR Bens, Mundo Mirim. Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Panda Books, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Pinakothek Artes, Planeta do Brasil, Positivo, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Prumo, Record, RHJ, Ridell, Rocco, Roda Viva, Rovel, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, SM, SNEL, Studio Nobel, WMF Martins Fontes, Zit.

EXPEDIENTE Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Volnei Cunha Canônica – CONRERP-RS 2291 • Revisão: Lucília Soares • Diagramação: Zero Produções • **Gestão FNLIJ 2008-2011** • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lígia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Sílvia Gandelman e Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO